
**SÁTIRA LITERÁRIA E IMPRENSA PERIÓDICA:
UMA LEITURA DE “CANÇÃO DE ALAUDE”,
DE KURT TUCHOLSKY**

Literary satire and periodical press:
an analysis of Kurt Tucholsky's *Lute Song*

Anderson Roszik¹

RESUMO: O presente artigo visa discorrer sobre as relações entre o poema satírico “Canção de alaude”, do escritor alemão Kurt Tucholsky (1890-1935), publicado na revista berlimense *Die Weltbühne* em janeiro de 1920, com a imprensa periódica. Elucidando, inicialmente, conceitos-chave da teoria da sátira, o trabalho pretende ilustrar como os modos de relação da sátira literária veiculada em periódicos a transformam em uma forma discursiva vinculada à sua época, com função crítica a valores e normas sociais, tornando-se uma forma discursiva literária engajada (HANTSCH, 1975; SIMÕES JR., 2007; BOSI, 2000). Veiculado em momento de ampla crise política e social na Alemanha pós-guerra, o poema é um exemplo da inter-relação da sátira com assuntos contemporâneos veiculados na imprensa, cujo conhecimento pode facilitar a comunicação entre satirista e leitor e permitir a leitura do texto pelo viés satírico.

PALAVRAS-CHAVE: Sátira; literatura alemã; imprensa periódica; Kurt Tucholsky.

ABSTRACT: This article examines the relationship between the satirical poem “Lute Song”, by the German writer Kurt Tucholsky (1890–1935)—published in the Berlin magazine *Die Weltbühne* in January 1920—and the periodical press. After outlining key concepts in the theory of satire, the study seeks to illustrate how the forms of circulation and mediation of literary satire in newspapers and magazines shape it into a discursive mode anchored in its historical moment, endowed with a critical function toward prevailing social values and norms, and ultimately constituting an engaged literary discourse (HANTSCH, 1975; SIMÕES JR., 2007; BOSI, 2000). Published during a period of profound political and social crisis in postwar Germany, the poem exemplifies the close interrelation between satire and contemporary issues addressed in the press, whose recognition can enhance communication between satirist and reader and enable the text to be understood through a satirical lens.

KEYWORDS: Satire; German literature; periodical press; Kurt Tucholsky.

¹ Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo e professor na Universidade Estadual Paulista.

INTRODUÇÃO: CONCEITOS-CHAVE DA SÁTIRA

Um dos principais conceitos empregados é denominado “princípio da deformação transparente”,² segundo o qual é fundamental que a sátira *ataque* seu objeto e o *deforme*, mas deixando-o reconhecível para o receptor (PREISENDANZ, 1976a; 1976b, grifos nossos). Durante a representação satírica, as referências extratextuais devem garantir que o texto possa ser lido como satírico. Desse modo, o princípio tem êxito quando autor e receptor partilham do mesmo contexto referencial, do conjunto de informações presentes nos contextos histórico, político, social e cultural, pois a compreensão do contexto referencial estabelece o nexo entre o ataque do satirista e o objeto da sátira. O satirista utiliza o ataque agressivo funcionalmente, buscando negativizar o objeto e sua norma e convencer o receptor da superioridade da contra-norma, pois, “para atacar qualquer coisa, escritor e público devem concordar quanto a ser ela indesejável” (FRYE, 2014, p. 370).

Esse processo articulado — o ataque do satirista, a partilha do contexto referencial e a consequente compreensão do leitor sobre o objeto da sátira — é chamado por Schönert (2011) de “comunicação satírica”, a qual é baseada na deformação transparente e no ataque a determinado objeto, sendo esse um termo central nos estudos sobre a sátira. O ataque tem articulação tripla: ele é direcionado, referencial e funcional. Ele é direcionado porque existe um objeto que o satirista deseja criticar; é referencial porque o receptor necessita compreender qual é o objeto, e funcional porque visa defender a contra-norma do satirista, oposta à norma do objeto. Tais aspectos são possíveis graças à transformação estética do mundo em que se passa a ação satírica, transformação essa que busca reconhecimento e aceitação do receptor. Pressuposto para ambos — reconhecimento e aceitação — é que o ataque direcionado oriente a ação compreensiva do receptor através do dado contextual, possibilitando ao receptor interpretar o texto como satírico.

Gerth denomina o aspecto estético de “indireta”, denominação que tem o mesmo substrato que o princípio da deformação transparente de Preisendanz. Segundo Gerth (1977, p. 83), a indireta refere-se “à forma pela qual o satirista propaga seu ataque” e, nesse processo, dois aspectos devem ser considerados: a sátira “suprime o ataque direto em situações fictícias ou fingidas e o conteúdo é refratado comicamente”. Os

² Todas as traduções são de nossa responsabilidade, exceto os casos devidamente indicados.

elementos estéticos têm a função de criar um mundo fictício, um mundo de contornos oblíquos que possibilite a veiculação do ataque satírico. Já Knight (2004), Schöner (2011) e Frye (2015) destacam como a referencialidade possibilita ao leitor compreender o ataque e decodificar o objeto e a contra-norma defendida pelo satirista. Baseados nos autores citados, propomos conceber a referência como um dos principais elementos constitutivos do ataque satírico por meio da deformação crítica do objeto e de sua norma.

Outro aspecto significativo no estudo da sátira literária é o equilíbrio entre a agressão do ataque e o emprego de elementos estéticos. O equilíbrio evita ser o ataque satírico manifestação pura de ódio e é um dos principais apontamentos de Frye (2015) e de Schöner (2011), para quem a crítica e a rejeição do satirista ao objeto e à sua norma devem ser do conhecimento do receptor. Crítica e rejeição integram o que Griffin (1994) denomina de retórica do questionamento e retórica da provocação. A primeira consiste na apresentação do objeto ao leitor, correspondendo à indireta de Gerth e ao princípio de deformação transparente de Preisendanz. A segunda (retórica da provocação) consiste na posterior negativização através de elementos persuasivos — para retomar os termos empregados, é o ataque funcional da sátira.

A redução (ou rebaixamento) e o exagero são componentes igualmente relevantes no texto satírico. Presente, principalmente, nos estudos de Hodgart (1969) e Frye (2015), a redução é um dos componentes possíveis do princípio da deformação transparente, correspondendo à “depreciação ou desvalorização da vítima por meio da redução de sua estatura e de sua dignidade pessoal” (HODGART, 1969, p. 122 -3) e consistindo em uma ferramenta através da qual o objeto da sátira é destituído de qualquer símbolo distintivo. A redução pode ser física, moral — como ocorre no poema “Canção de alaúde”, como veremos — social ou hierárquica.

Nesse estudo, propomos compreender a sátira não como um gênero, mas sim como uma “forma discursiva” (HEMPFER, 1973). Ela é crítica e cômica, passível de se manifestar tanto em diferentes gêneros literários quanto não literários e modificá-los por meio de elementos estilísticos como ironia, paródia, paradoxo, chiste e trocadilho (ARNTZEN, 1964, p. 13). O ataque direcionado é referencial, visa deformar o objeto e sua norma e postular a consequente defesa, pelo satirista, de uma contra-norma positiva. Tais aspectos são possíveis graças à transformação estética, também funcional, do mundo em que se passa a ação satírica, transformação que busca reconhecimento e

aceitação do receptor. Pretendemos demonstrar que os conceitos-chave apresentados — princípio da deformação transparente, ataque, defesa de uma contra-norma, referencialidade, redução e exagero — são aplicados com diferentes graduações no poema analisado. O fato aponta para a multiplicidade de recursos empregados pela instância enunciadora do poema e, por extensão, para a relevância dos estudos sobre a literatura satírica de Kurt Tucholsky que, apesar de se manifestar por meio de diferentes gêneros literários, ainda são pouco desenvolvidos no Brasil.

O POEMA “CANÇÃO DE ALAÚDE”: SÁTIRA LITERÁRIA E IMPRENSA PERIÓDICA

Para elucidarmos as relações entre o poema satírico “Canção de alaúde” e a imprensa periódica, é válido esclarecer quem foi o oficial Hans Hiller, objeto da crítica satírica. Para tanto, mostraremos o contexto em que são publicadas notícias a seu respeito para compreendermos por quais motivos ele é (ironicamente) digno de ser cantado pelo eu lírico do poema — ou seja, quais são os elementos referenciais presentes no texto de Tucholsky — e como os militares alemães, representados por Hiller, são transformados em objeto da sátira. Para nos atermos à proposta desse trabalho, recorreremos a quatro reportagens publicadas à época (três no jornal *Berliner Tageblatt und Handelszeitung* e uma no *Schlesische Arbeiter-Zeitung*) e a duas representações visuais (a capa do periódico satírico *Ulk* e uma ilustração de Georg Grosz). As fontes proporcionam detalhes do processo conhecido à época como “O caso Hiller”.

Na primeira delas, “O caso Helmhake no tribunal de guerra”,³ noticia-se o julgamento do capitão de reserva Hans Hiller. Segundo a reportagem, ele participa de toda a guerra, tendo sido ferido várias vezes e condecorado com a Cruz de Ferro de primeira e segunda classes. Ainda de acordo com o jornal, em 1916, Hiller teria sido punido com uma semana de prisão por infringir as leis militares e, no final de 1919, ocupa a função de assessor na comissão de indenização (*Berliner Tageblatt und Handelszeitung*, 1919, p. 3). Lembremos que a comissão é responsável

³ Der Fall Helmhake vor dem Kriegsgericht (*Berliner Tageblatt und Handelszeitung*, 29 dez. 1919, p. 3).

Disponível em https://dfg-viewer.de/show?id=9&tx_dlf%5Bid%5D=https%3A%2F%2Fcontent.staatsbibliothek-berlin.de%2Fzefys%2FSNPN27646518-19191229-0-0-0-0.xml&tx_dlf%5Bpage%5D=3. Acesso em 21 out. 2024.

pelo pagamento das dívidas de guerra imputadas à Alemanha pelo tratado de Versalhes, em junho de 1919.

Após apresentar o réu, o jornal reproduz trechos do julgamento, segundo os quais o oficial é suspenso de seu cargo, ainda durante a guerra, entre março e abril de 1915, durante a campanha na região dos Cárpatos, em virtude da violação do código militar e de decorrentes mortes de soldados. Além da morte do soldado Helmhake, ocorrem outras, como a de um oficial chamado Thomas e a de um estudante chamado Müller, e maus-tratos a tropas e suboficiais por meio de golpes com picaretas e com facas, de chicoteadas e de coronhadas.

Hiller é acusado de provocar lesão corporal a um voluntário chamado Thomas, obrigado a despir-se ao ar livre, apesar do frio intenso. Thomas é levado a um hospital de campanha, onde morre de gangrena. Hiller, em seu depoimento, nega as acusações, afirmando que Thomas foi levado à sua presença, momento em que percebe que seu corpo exala um “fedor insuportável” (*Berliner Tageblatt und Handelszeitung*, 1919, p. 3). Hiller o teria levado ao hospital, constatado que os membros inferiores estavam supurados e usado o voluntário como advertência “para os soldados não procurarem desculpas para congelar os pés propositalmente nem atirar nas próprias mãos para ir ao hospital de campanha” (*Berliner Tageblatt und Handelszeitung*, 1919, p. 3).

Ademais, Hiller é acusado da morte do estudante e voluntário Müller, que teria se dirigido ao seu superior para solicitar dispensa do posto de sentinela por estar doente. O pedido foi negado e, no dia seguinte, Müller é encontrado morto numa latrina. Para o militar, “um estudante de nome Müller” teria morrido em decorrência de tifo, fato sobre o qual suas ações não teriam tido influência. Ele é acusado de golpear com uma picareta um fuzileiro chamado Rocker, que teria aceitado um pedaço de pão de uma mulher na região dos Cárpatos, além de bater na nuca de um suboficial chamado Selle e golpear com a baioneta a cabeça de um fuzileiro. As punições, para Hiller, visam proteger a tropa da epidemia de cólera. Por fim, ele golpeia com a baioneta os ombros de um fuzileiro chamado Müller e o amarra a uma palafita.

Na mesma reportagem, Hiller é acusado de ter cometido três crimes contra o fuzileiro Helmhake. Ele teria dado uma bofetada no soldado preso a uma árvore; em seguida, teria chutado o traseiro de Helmhake no momento em ele é retirado pelos enfermeiros de um buraco no chão e, por fim, teria deixado o soldado “preso em um buraco no chão, frio e sujo, e desprovido de alimentação, o que causou graves lesões

corporais e graves danos à saúde, levando à sua morte" (*Berliner Tageblatt und Handelszeitung*, 1919, p. 3). Vejamos a decorrência do julgamento.

Respondendo à acusação, o réu Hiller declara que teria chegado em fevereiro de 1915 junto com Helmhake no mesmo transporte aos Cárpatos.

O presidente: Helmhake faleceu em decorrência de uma diarreia hemorrágica. Acredita-se que a morte esteja relacionada com o tratamento que o senhor mandou-lhe impor.
Réu: Os acontecimentos foram há quatro anos, de forma que eu não tenho lembranças muito claras. Apenas após as declarações das testemunhas eu seria capaz de fazer uma imagem novamente. Eu contesto o fato de ter dado uma bofetada em Helmhake quando ele estava amarrado na árvore. Eu puni Helmhake duas vezes. A primeira foi por causa do roubo de um queijo. Ele disse ter-se perdido no caminho e voltou no dia seguinte. Ele havia sido mandado com outras pessoas para buscar provisões, mas faltou uma grande porção de queijo tilsit de três quilos, ou três quilos e meio. Helmhake confessou que o comeu junto com outros camaradas que tinham fome. Ele foi punido com três dias de prisão. Isso pareceu apropriado, dado que ele, como designado pela companhia, devorou o montante para 15 homens, enquanto todos estavam às mínguas. A pena era cumprida da maneira usual, sendo amarrado duas horas por dia em uma árvore. A pena dele foi cumprida sendo amarrado uma vez. Helmhake foi punido pela segunda vez porque ele não compareceu para limpar as armas. Ele foi encontrado em um abrigo e disse que estava doente. Por esse motivo recebeu outra punição de três dias, cumprida da mesma forma.

Presidente: O senhor está sendo acusado de tê-lo jogado num buraco e o mantido sob vigilância.

Réu: Durante o cumprimento da pena apareceu o comandante do batalhão, v. Kohler, e ouviu Helmhake fazer barulhos. Quando o comandante lhe ordenou que falasse, Helmhake o xingou. Em seguida o comandante ordenou que Helmhake fosse condenado à prisão preventiva. Eu mandei trazê-lo a um abrigo. Nossos abrigos eram buracos no chão; eles eram cobertos com pinheiros e intencionalmente pequenos para permanecerem quentes, embora todos eles fossem úmidos e

lamacentos. Mas eu não escolhi de propósito um buraco ruim; todos eles eram assim.

Presidente: O senhor está sendo acusado de ter mandado amarrá-lo, apesar do frio intenso.

Réu: Não estava tão frio. Na maioria das vezes a pena de ficar amarrado era cumprida ao meio-dia. Eu dificilmente creio que tivemos, alguma vez, frio abaixo de 20 graus, de forma que ficar amarrado por duas horas não pode apresentar prejuízos à saúde. Ficar amarrado uma vez por duas horas levava sempre ao cumprimento da pena.

Presidente: O que aconteceu com o relatório sobre o ocorrido?

Réu: Pelo que me lembro, eu o apresentei. Mas o major v. Kohler faleceu. O relatório abordou o comportamento de Helmhake para com o major v. Kohler. Soa-me improvável que eu tenha ordenado privar Helmhake de comida e bebida. Não acredito nisso. Eu não tinha direito a isso. Eu não soube nada do adoecimento de Helmhake antes de sua morte. Ele esteve cinco ou seis dias em prisão preventiva, onde morreu.

Presidente: Enquanto estava lá, Helmhake foi carregado por dois enfermeiros para fazer suas necessidades. Parece que ele não estava mais capaz de se movimentar sozinho. Parece que o senhor viu isso e disse: “O porco está só fingindo, chutem seu r...!” Parece que o senhor mesmo deu-lhe então um chute.

Réu: Eu contesto. (*Berliner Tageblatt und Handelszeitung*, 1919, p. 3).

Apesar de Hiller não ter “lembranças muito claras” das circunstâncias da morte de Helmhake porque tudo ocorreu “há quatro anos”, ele consegue dar detalhes de suas punições, como a quantidade e o tipo de queijo que o soldado e seus companheiros teriam “roubado” da tropa. Certamente, os detalhes do alimento contradizem as lembranças vagas do passado. Hiller pune Helmhake pela segunda vez quando o soldado afirma estar doente e ausenta-se de um exercício, motivo pelo qual fora amarrado na árvore. Em seguida, chegamos à terceira pena: Helmhake é levado ao buraco no chão, descrito como um abrigo “úmido e lamacente” e “ruim como todos os outros”, após desrespeitar a autoridade militar, representada pelo major v. Kohler. As palavras de Hiller sugerem uma graduação para os atos considerados transgressores da décima-segunda companhia. Por ter devorado o queijo destinado à tropa, o culpado cumpre a primeira pena amarrado a uma árvore, e as possíveis intempéries são

desconsideradas pelo superior. A segunda pena é cumprida quando o soldado desrespeita as regras militares, não limpando suas armas. A terceira pena decorre da infração da hierarquia militar. Pelo ato, ele é simbolicamente enterrado vivo: colocado num “buraco no chão” e vigiado por sentinelas, ele morre.

Hiller defende-se, descrevendo o dia em que manda amarrá-lo — em sua opinião, um dia aprazível, pois “não estava tão frio”, o que lhe confere a certeza quase médica de que “ficar amarrado por duas horas não pode apresentar prejuízos à saúde” de Helmhake. É instigante ressaltar que suas certezas servem à sua autodefesa, enquanto as incertezas são imputadas a outrem, como ocorre no caso do relatório, cujo paradeiro é desconhecido, apesar de ter sido apresentado pelo militar. O falecimento do major v. Kohler, que ordenara a “ prisão preventiva” de Helmhake, torna mais difícil verificar a veracidade do documento. Ponto destoante às descrições de tortura são as palavras de Graf v. d. Schulenberg, comandante do regimento de Hiller, que testemunha a favor do oficial, afirma não ter tido conhecimento de maus-tratos e dirige-lhe elogios pelo comportamento e disciplina. O antigo comandante assegura que amarrar os soldados em árvores como medida punitiva era prática comum.

Outro trecho importante da reportagem reproduz o depoimento de um capitão chamado v. Somnitz.

Em um dia quente e ensolarado, ele [Hiller] fazia uma inspeção à décima-segunda companhia junto com o major v. Kohler. Eles encontraram um homem amarrado em uma árvore, e ele xingava muito alto. Quando o questionaram, souberam que o homem havia sido punido por roubar um queijo. Quando o major v. Kohler proibiu os xingamentos, Helmhake partiu para ameaças e ofensas ao comandante do batalhão. Por isso o major v. Kohler emitiu um boletim contra Helmhake e Helmhake fora levado, em seguida, a um buraco no chão. Capitão v. Somnitz ainda pode confirmar que Helmhake não estava fortemente amarrado, mas apenas de forma a não poder escapar. Naquele dia não estava frio. O dia estava bem ensolarado. (*Berliner Tageblatt und Handelszeitung*, 1919, p. 3).

Em seu depoimento, o capitão constrói uma paisagem primaveril, bastante desfavorável ao soldado Helmhake, e muito semelhante à narrada por Hiller. A atitude do soldado é contraposta ao caráter ponderado

e civilizador dos militares de patente superior, que o punem por sua atitude considerada desrespeitosa. Como o soldado morrera havia quatro anos, é presumível que v. Somnitz não tenha se constrangido em criar a paisagem propícia à calmaria, na qual a raiva do soldado é o elemento destoante.

A segunda reportagem é intitulada “Primeiro-tenente Hiller no tribunal de guerra. As testemunhas de acusação. As alegações finais. O veredito: sete semanas de detenção”.⁴ Ela reproduz depoimentos de outros soldados e o veredito, expressando a discordância do jornal com a decisão favorável a Hiller: absolvição de cinco acusações, arquivamento de um processo e pena de sete semanas por dois crimes.

De acordo com o jornal, o líder de tropa Lindmüller e um capitão chamado Schlangen mencionam o caráter violento de Hiller. O capitão afirma que Hiller estava “irritadiço”, “estafado” e, “naquele tempo, incapaz de responder por seus atos e de ser levado a sério”. Apesar disso, Schlangen declara que ninguém era amarrado à noite às árvores sob extremo frio, apenas ao meio-dia. O capitão de reserva Reinholds corrobora a observação de Schlangen sobre as condições da companhia e defende Hiller, que lhe parecera um líder exigente e que fazia o possível pelo bem de sua companhia, motivo pelo qual nunca ouvira queixas a seu respeito. Em seguida, o jornal apresenta as palavras de Berlin, um ex-combatente que “primeiro descreve como Helmhake fora preso à árvore e, no local, Hiller deu-lhe pancadas no rosto [e como] mais tarde Helmhake foi posto em um buraco coberto de excrementos, onde ficou gemendo e reclamando de fome” (*Berliner Tageblatt und Handelszeitung*, 1919a, p. 4).

Berlin confirma a agressão verbal e física de Hiller, que se dirige a Helmhake e lhe diz: “Esse merda está só fingindo, ele ainda não morreu?”⁵ Quando questionado pela promotoria porque não dera queixa do ocorrido, o ex-soldado afirma que não teria se arriscado a “dizer uma só palavra” naquela época do “domínio do militarismo prussiano”. Repare-se que a declaração de Berlin “civil” traz o reconhecimento da forte opressão militar prussiana, um código social não escrito de

⁴ “Oberleutnant Hiller vor dem Kriegsgericht. Die Belastungszeugen. Die Plädoyers. Das Urteil: Sieben Wochen Festungshaft”

(*Berliner Tageblatt und Handelszeitung*, 30 dez. 1919, p. 4 [1919a]).

Disponível em https://dfg-viewer.de/show?id=9&tx_dlf%5Bid%5D=https%3A%2F%2Fcontent.staatsbibliothek-berlin.de%2Fzefys%2FSNPNP27646518-19191230-0-0-0.xml&tx_dlf%5Bpage%5D=4. Acesso em 21 out. 2024.

⁵ No original: “Der Mistvieh verstellt sich ja bloß, ist er denn noch nicht krepiert?” Veremos, adiante, que a mesma expressão surge na capa do jornal satírico *Ulk*, que é um suplemento semanal do *Berliner Tageblatt und Handelszeitung*, fato que aponta para o furor causado pelo julgamento.

comportamento que impõe severo limite à liberdade de expressão, aspecto retomado durante a análise do poema “Canção de alaúde”.

Em seguida, depõe o escrutarário Lichtenfeld, que afirma que Helmhake fora amarrado a uma árvore sob temperaturas entre 20 e 30 graus negativos. Esse fato é confirmado pelo comerciante Vollberg, que acrescenta outro detalhe à cena: quando o soldado é desamarrado, ele cai no chão e xinga Hiller, fato que lhe rende o chute no traseiro. O escrutarário afirma que, quando Helmhake é retirado quase sem vida do buraco, as sentinelas recebem ordens para confirmar a entrega de todas as provisões que lhe foram destinadas, pois haveria uma inspeção à tropa. Ao esboçarem discordância, eles são informados de que se trata do desejo de Hiller.⁶

Em seu depoimento, o ex-soldado Radke confirma as agressões de Hiller, afirmando ter presenciado o golpe de picareta desferido ao soldado Rocker e a agressão ao soldado Selle. A agressão é citada pelo cabo Schneider, chicoteado por Hiller por ter rido durante um avanço nos Cárpatos, apesar de não pertencer à sua companhia. Repare-se, à guisa de passagem, na forma como o jornal anuncia a penúltima testemunha, numa expressão que sintetiza muitos dos membros das milícias paramilitares no início da década de 1920 alemã: “o ex-fuzileiro e agora desempregado Sebastian Kaiser” (*Berliner Tageblatt und Handelszeitung*, 1919a, p. 4). Em sua declaração, Kaiser assevera ter dividido com Helmhake por cinco dias o mesmo buraco “úmido e no qual não parava de entrar água”. Nesse período, ambos são impedidos de se alimentar, de forma que Helmhake mal consegue se arrastar. Um trecho de sua declaração aponta para a tendência à violência física e verbal de Hiller, que teria dito, ao prender Helmhake: “O sujeito não vai receber nada para comer” (*Berliner Tageblatt und Handelszeitung*, 1919a, p. 4).⁷ As atitudes de Hiller são complementadas pelo depoimento do fuzileiro Müller, ameaçado de

⁶ Um poema satírico que tematiza a mentira no meio militar prussiano é *Imprensa prussiana*. Veiculado em maio de 1919 sob o pseudônimo Kaspar Hauser, o poema apresenta um eu lírico que se propõe a realizar a tarefa específica de escrever um breve editorial. O “eu lírico jornalista” emprega recursos estilísticos diversos, como mudança de esquema rítmico entre estrofes (rimas caudatas que servem à breve intenção musical na primeira estrofe dão lugar às rimas emparelhadas no restante do poema, marcando a tentativa de reiterar os argumentos do “poema editorial”), ironia e mudança de pronomes, para convencer o leitor donexo existente entre imprensa, militarismo e nacionalismo. Desse modo, *Imprensa prussiana* traz à luz a imprensa, “meio social de administrar o nacionalismo” (HOBSBAWN, 2013, p. 85), como veículo de mentiras (HAUSER, 29 maio 1919, p. 647-48).

⁷ No original: “Der Kerl bekommt nichts zu fressen”. Destaca-se o emprego do verbo *fressen*, e não *essen*. Embora ambos signifiquem “comer”, o primeiro é usado apenas para o hábito alimentar dos animais.

fuzilamento e amarrado a uma palafita distante cem metros da linha de fogo inimiga.

Os promotores exploram as denúncias e pedem prisão de um ano para o militar. Entretanto, os juízes militares o absolvem, alegando falta de provas para condená-lo pelas mortes, contestam a ligação entre a exposição de Helmhake à baixa temperatura e seu óbito e determinam que o responsável pela sua prisão no buraco insalubre fora o já falecido major V. Kohler. Eles asseveram não haver provas de que Hiller teria proibido a alimentação de Helmhake e Kaiser, pois, de acordo com o veredito, “apesar de o comandante ter expedido uma ordem com esse conteúdo, a ordem dizia provavelmente outra coisa: ela deveria impedir que alimentos fossem desviados” (*Berliner Tageblatt und Handelszeitung*, 1919a, p. 4).

A terceira reportagem, “Sobre o processo Hiller. Cartas de leitores. O exterior”,⁸ indica que a decisão judicial tem forte repercussão e causa muitas polêmicas, expressas em cartas enviadas “de todas as partes do *Reich* e de todas as camadas da população, especialmente das fileiras dos antigos soldados do fronte, corporações e oficiais, cartas que refletem a agitação e o rancor pela decisão do processo” (*Berliner Tageblatt und Handelszeitung*, 1920, p. 1). Além de cartas de antigos oficiais e civis, o jornal destaca a repercussão do veredito além das fronteiras alemãs. Ele reproduz, em língua alemã, um trecho do periódico holandês *Nieuwe Rotterdamsche Courant*, jornal que goza da reputação de não noticiar “discussões jurídicas de países vizinhos”, como destaca o próprio *Berliner Tageblatt und Handelszeitung* (1920, p. 1). De acordo com o jornal holandês, o interrogatório tem a clara intenção de “enfraquecer as acusações” e “impedir consequências graves para o réu”. Ainda segundo a reportagem holandesa, é concedido tempo livre às testemunhas de defesa de Hiller para responder às questões, o que não acontece com as testemunhas de acusação.

O “Caso Hiller” repercute nas artes gráficas. O primeiro exemplo é a ilustração “O mosqueteiro Helmhake morto no campo da honra” (figura 1). Ela compõe um conjunto de caricaturas intitulada *Deus conosco*, do pintor Georg Grosz, exposta em julho de 1920 na cidade de Berlim, por ocasião de uma exposição dadaísta.⁹

⁸ Zum Prozess Hiller. Zuschriften aus dem Leserkreise (*Berliner Tageblatt und Handelszeitung*, 2 jan. 1920, p. 1).

⁹ Em 24 de outubro de 1920, Kurt Tucholsky, sob o pseudônimo Ignaz Wrobel, publica o ensaio “O pequeno Geßler e o grande Grosz” no periódico *Freiheit*, ligado ao USPD. O título remete a Otto Geßler (1875-1955), ministro do exército entre 1920 e 1928. Tucholsky acentua o caráter antimilitarista da exposição, que gerou protestos e atos violentos dos membros do exército.

FIGURA 1¹⁰

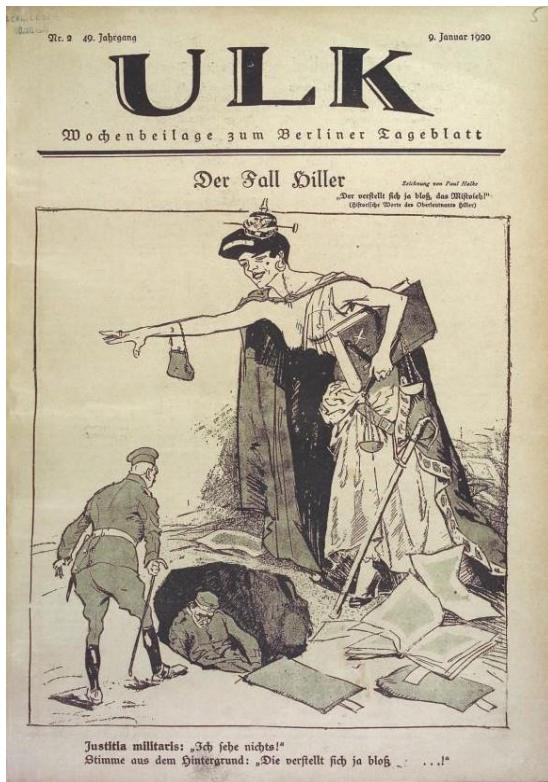


Grosz retrata um corpo retraído e com expressão desfigurada abaixo de uma cruz de madeira na qual estão inscritas as palavras que dão o título à ilustração. Quatro militares estão no local. O mais próximo ao corpo, uma possível representação de Hiller, chuta o traseiro de Helmhake, em alusão à tortura efetuada e confirmada por testemunhas durante o julgamento. Outros três oficiais pertencem a patentes inferiores, fato destacado tanto por estarem deslocados ao fundo na imagem quanto por apresentarem partes mutiladas, o que contrasta com a inteireza do oficial e seu uniforme repleto de insígnias.

O segundo exemplo é uma capa do periódico satírico *Ulk* de 9 de janeiro de 1920 (figura 2).

¹⁰ (DERENTHAL, 9 jun. 2004). Disponível em: <http://zeitenblicke.historicum.net/2004/01/derenthal/index.html>. Acesso em 14 nov. 2024.

FIGURA 2¹¹



A justiça militar — ou *justitia militaris*, como ela é designada no diálogo expresso na legenda — é representada como uma mulher de enormes proporções e com um seio à mostra, como se tivesse sido violentada. Seu braço estirado à frente exibe objetos de valor financeiro, como um anel e uma bolsa. A representação de uma figura corrupta é reforçada pela posição desigual do fiel da balança e pelo adorno sobre sua cabeça — um capacete militar prussiano. Perto dela encontram-se um oficial, em pé, e um soldado desfalecido, caído em um buraco, duas alusões a Hiller e Helmhake, respectivamente.¹² Ambos surgem

¹¹ (Ulk, 9 jan. 1920) Disponível em: <https://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/ulk1920/0001/image.info>. Acesso em 14 nov. 2024.

¹² É possível afirmar que as imagens aludem aos militares porque o primeiro texto da edição do *Ulk* é, justamente, um poema satírico intitulado *Canção de alauíde*. Ele é escrito por Kurt Tucholsky sob o pseudônimo de Theobald Tiger e tematiza o “Caso Hiller”. Termos como

diminutos diante da justiça. Distinta da tradicional representação imparcial, com as vendas sobre os olhos, a justiça a tudo observa, mas afirma não ver nada. No diálogo expresso na legenda, “uma voz vinda do plano de fundo” responde: “Ele está só fingindo, ...!” A referência aos dizeres do oficial é completada pela epígrafe, que traz as palavras do oficial.

Em seguida, passemos ao poema de Kurt Tucholsky, após apresentarmos seu contexto referencial.

CANÇÃO DE ALAÚDE

A um oficial chamado Hiller
é dedicado este gorgorio
porque o bondoso açoitou o soldadeco,
tratou-o como um cachorro.
Pá! Bum!

E seus cama-camarada-radas pensaram
que isso não poderia ca-causar dano nenhum, nenhum.
So-sofre também o fusileiro da guarda:
Oficial continua sendo oficial.

E ele mandou am-amarrar as pessoas nas árvores,
e mandou as pessoas, cheias de sofrimento, se vira-virarem
Alguns de seus fuzileiros vivem ainda —
mas um deles morreu num buraco no chão.

E somente após longos, longos anos se pode
tornar pública essa briga dos Cárpatos.
Quando a gr-gra-grande era acabou,
Aquele hille-hillerismo foi revelado.
Pá! Bum!

Aqui fica trágica, trágica, trágica a história!
Pra que afinal existem os tribunais militares?
E a associação militar arranja
Um encontro reconfortante!
Pá! Bum!

E a reunião, ela transcorreu com grande alegria.

“venda”, “balança” e “Justitia” aparecem no poema, relacionando o ataque satírico ao seu objeto.

Uma mão lava a outra etc.
Na fortaleza ele suspira durante sete semanas.
E a roupa do imperador brilha novamente.

Sim, a Justiça deve ser cega,
mas às vezes ela é capaz de pender para um lado
como o primeiro dos proletas no puteiro...
Deus preserve a justiça militar! (TUCHOLSKY, 1920, p. 42)

A leitura das notícias e das imagens contemporâneas ao poema procurou demonstrar as afirmações de Wehler (2003, p. 22), para quem o “sentimento elevado de nacionalismo não se manteve nem mesmo no fronte de batalha”, onde a união de grande parte das tropas era garantida pelo “desejo de sobrevivência, disciplina e experiência de batalha, e de maneira alguma pelo nacionalismo entusiasta a longo prazo”. Além disso, ela auxilia o receptor a compreender o sentido satírico, esclarecendo a formação do ataque referencial (liga-se a um determinado contexto e/ou situação), direcionado (volta-se a um determinado objeto) e funcional (visa justificar a contra-norma defendida pelo satirista). No poema, o ataque começa a se construir no título. “Canção de alaúde” pressupõe uma harmonia entre elementos textuais e musicais expressa pela rima pareada (na língua de partida, ressalta-se). O alaúde e as rimas reforçam um apelo junto ao receptor e evocam uma memória musical enraizada num passado musical distante. O oficial Hans Hiller representa o microcosmo militar cujas raízes estendem-se, na perspectiva satírica, ao mesmo tempo a espaço remotos nos quais o alaúde acompanhava os textos cantados.

O poema divide-se em três quintetos (a primeira, a quarta e a quinta estrofes) e quatro quartetos (a segunda, a terceira, a sexta e a sétima estrofes). Os quintetos são encerrados pelo refrão “Pá! Bum！”, que destoa do esquema rítmico. A distinção ocorre devido à característica onomatopéica do verso, que retoma a presença do principal objeto satirizado: “um oficial chamado Hiller”, no primeiro verso. Além do título, os dois versos iniciais reforçam o tom laudatório: “A um oficial chamado Hiller / é dedicado este gorjeio”. Explora-se sobremaneira a ironia, presente na forma da repreensão por meio de um falso louvor (MEIER-SICKENDIEK, 2010, p. 333). É o que podemos observar com o emprego da forma participial do verbo “dedicar”, no segundo verso. Além de inserir o poema no tempo passado, o particípio reforça a dedicatória sugerida pelo título e iniciada no verso anterior. O trilo destina-se a *um* sujeito (inicialmente, indefinido) pertencente a *uma* categoria específica: um oficial, cujo nome surge posteriormente.

Desse processo resulta a abrangência gradativa do ataque satírico à classe dos militares, simbolizada por Hiller, a quem é atribuída a qualidade de ser “bondoso” (terceiro verso), razão pela qual ele é digno de ser cantado. A segunda face de Hiller não tarda a ser revelada, “porque o bondoso açoitou o soldadeco, / tratou-o como um cachorro” (terceiro e quarto versos). A junção de elementos díspares explora dois aspectos constitutivos da ironia. Em primeiro lugar, a falsa aparência sublime dada ao militar por meio da afetividade inerente ao adjetivo substantivado “bondoso”. Em segundo lugar, a exploração da dimensão afetiva da ironia abre o espaço para seu complemento, a dimensão formal, que consiste na justaposição ou incompatibilidade entre duas ideias (HUTCHEON, 2000, p. 48).

À qualidade de “bondoso” seguem as atitudes de Hiller, para quem parece não ter bastado açoitar o mosqueteiro: é preciso ampliar os maus-tratos, comuns ao comportamento do oficial, conforme as testemunhas relatam durante o julgamento. O refrão onomatopáico enfatiza as atitudes e encerra a primeira estrofe, mas não seu conteúdo. Ele representa sons de armas e batidas em um campo de batalha, local em que Hiller fustiga não apenas o soldado Helmhake. O conteúdo do verso repete-se nas outras estrofes por meio da repetição formal (quarta e quinta estrofes) e da conjunção aditiva nos primeiros versos da segunda, terceira, quarta e sexta estrofes.

Na segunda estrofe, o eu lírico associa as atitudes de Hiller ao temor entre os soldados. A associação é iniciada com a conjunção “e” e com a representação fonética e gráfica da gagueira no sexto verso (“E seus cama-camarada-radas pensaram”), que continua no sétimo e oitavo versos: “que isso não poderia ca- causar dano nenhum, nenhum / So-sofre também o regimento da guarda”. O sentimento é observável no depoimento do ex-soldado Berlin, que não se arriscara a dizer “uma só palavra” durante o domínio do militarismo prussiano, e também em uma carta enviada ao *Berliner Tageblatt und Handelszeitung*¹³ por um “soldado do fronte”, na qual ele assevera como o processo evidencia a nulidade das queixas apresentadas aos comandos militares sobre condutas violentas, “noventa por cento delas marcadas por brutalidade sem sentido”. Novamente o conteúdo das declarações das testemunhas do julgamento vem à tona. Destaca-se como o ex-soldado questiona a existência de uma justiça imparcial, o que demonstra a insatisfação dos militares de baixa patente com o comportamento excessivo de seus

¹³ Zum Prozess Hiller. Zuschriften aus dem Leserkreise. Das Ausland (*Berliner Tageblatt und Handelszeitung*, p. 1, 2 jan. 1920).

superiores, aos quais eram destinados privilégios hierárquicos e jurídicos.¹⁴ Voltaremos a esse ponto a partir da quinta estrofe.

O eu lírico aproxima os “cama-camara-radas” de Hiller da cena de maus-tratos a Helmhake pela conjunção no sexto verso: “E seus cama-camarada-radas pensaram”. A proximidade dos oficiais ao ato é reiterada no sétimo verso, através do pronome demonstrativo “isso”. Nota-se que a proximidade da tortura se relaciona ao sentimento de pavor, não restrito ao primeiro verso da segunda estrofe. No segundo verso, a percepção dos atos violentos de Hiller é tamanha que instaura a gagueira e provoca uma mudança na estrutura semântica da sentença.

O verbo auxiliar “poderia” é deslocado de sua posição final na sentença, obrigatória segundo as regras gramaticais da língua alemã, para o início. Tamanho é o pavor despertado por Hiller, cujo comportamento não se altera em hipótese alguma. Afinal, não importa se o fuzileiro sofrera, no oitavo verso (“So-sofre também o fuzileiro da guarda”) ou tenha sido tratado feito animal, no quarto verso (“tratou-o como um cachorro”). Para Hiller, ele não passara de um “merda” que “está só fingindo”, e que, infelizmente, “ainda não morreu”, conforme suas próprias palavras. Por esse motivo o eu lírico anuncia no nono verso, inexorável: “oficial continua sendo oficial”.

A terceira estrofe é iniciada com uma conjunção, reunindo as ações narradas previamente. Nela entram em cena outros momentos da tortura ao mosqueteiro. O eu lírico mostra conhecer os trâmites do processo contra Hiller. Nesse ponto, podemos supor que as funções de escritor e jornalista que Kurt Tucholsky desempenha na imprensa berlimense, como na revista *Die Weltbühne*, no jornal *Berliner Tageblatt und Handelszeitung*, e a de redator-chefe no respectivo suplemento semanal satírico, *Ulk*, propiciam-lhe amplo contato com a veiculação de notícias sobre o processo, além de instrumentos argumentativos para ser um crítico atento aos acontecimentos contemporâneos.

No décimo-primeiro verso, ocorre importante mudança: empregando o substantivo “pessoas”, o eu lírico busca pluralizar as

¹⁴ Entre janeiro de 1919 a agosto de 1920, Tucholsky publica na *Die Weltbühne*, sob o pseudônimo Ignaz Wrobel, a série de ensaios denominados “Militaria”. No segundo deles, intitulado “Militaria. Provisões”, publicado em 23 de janeiro de 1919, Tucholsky, com tom crítico, analítico e irônico, diz que a distribuição das provisões aos militares de alta patente teria sido fraudada durante a guerra. De acordo com o ensaio, eles teriam reservado para si os melhores produtos, ao passo que aos soldados era enviado apenas o restante. É nesse solo corrupto, segundo o autor, que “floresce o patriotismo” alemão (WROBEL, 1919, p. 87) reivindicado pelos militares como apoio à guerra. À ironia do ensaio acrescenta-se a descrição da desonestade e corrupção dos oficiais, como se pode observar no seguinte trecho: “Todos tinham consciência dos atos alheios, de quanto dinheiro e quanta sujeira havia debaixo das unhas de cada um” (WROBEL, 1919, p. 89).

vítimas de Hiller, operando de maneira distinta da do verso inicial. Não somente Helmhake (sujeito histórico) fora amarrado em uma árvore (evento histórico), mas diversas pessoas em diversas árvores — os inúmeros escriturários Lichtenfeld, comerciantes Vollberg e ex-fuzileiros e agora desempregados Sebastian Kaiser. A fricção constante entre a singularização de um fator — a violência de Hiller — e sua posterior pluralização transformam a realidade e acrescentam-lhe a crítica do ataque satírico. Ele é referencial porque remete ao universo extratextual, ao contexto do objeto — no caso, a violência do militarismo prussiano; é direcionado porque possibilita ao leitor identificar o objeto satirizado: o oficial Hiller, e é funcional porque busca tornar negativos o objeto e sua norma por meio da enumeração dos atos de violência. O satirista, num movimento duplo de fazer referências extratextuais e negativizar o objeto, procura convencer o receptor da superioridade de sua contra-norma.

Alguns fuzileiros ainda vivem e podem depor contra Hiller, numa tentativa infrutífera de obter justiça. Outro, porém, morreu no buraco úmido, lamacento e cheio de água. Eis a imagem elaborada de Helmhake: o eu lírico busca chocar o leitor ao inserir um soldado morto, e não mais agonizante, como Kaiser o descrevera. Essa distinção não lhe importa: o satirista deseja mostrar apenas um lado da verdade que ele contempla.

A morte no buraco no chão é a expressão verbal da caricatura pictórica de Grosz e da ilustração de Paul Halke para a capa do *Ulk*. A “forma discursiva” satírica aproveita-se de uma de suas características essenciais — a ausência de uma forma própria e a resultante possibilidade de se mostrar em diferentes gêneros textuais, literários ou não — para atacar não apenas o militarismo, simbolizado por Hiller, mas também a indulgência da justiça alemã com os militares. Para o satirista, os dois fatores estão interligados.

A justiça é omissa durante a guerra, como o eu lírico sugere no décimo-quarto e décimo-quinto versos: “E somente após longos, longos anos se pode / tornar pública essa briga dos Cárpatos”. A justiça observa, imóvel, as barbáries e as mortes causadas pelo militarismo, e ambas — a inércia jurídica e a brutalidade militar — são reiteradas pela dupla ocorrência do adjetivo plural “longos”, ao qual se segue a palavra “anos”. O acúmulo de tempo e de ações presente na palavra é reforçada, no poema-fonte, pela primeira sílaba do substantivo *Jahren* [anos], que é alongada. O décimo-quarto verso comporta forte carga de apreensão da passagem do tempo e da solidificação de ações perpetradas pelos militares sob o manto diligente da justiça.

Na terceira estrofe, a justiça absolve os responsáveis por imputar penas que devem ser cumpridas sob condições severas e que contribuem

para levar soldados à morte. Lembremo-nos das baixíssimas temperaturas às quais os castigados de Hiller são expostos, segundo os depoimentos de antigos soldados. Apesar disso, para o tribunal, as mortes de Helmhaeke, Thomas e Müller não têm relação com os maus-tratos. Através da conjunção, a parcialidade da justiça mantém-se viva e mostra sua face opressora no décimo-sexto verso, quando se representa graficamente o temor por meio da gagueira: “Quando a gr-gra- grande era¹⁵ acabou”. A expressão desencadeia a sensação de perda de controle emocional que viera à tona anteriormente e mantém-se no décimo-sétimo verso, quando “aquele hille-hillerismo foi revelado”. Nesse ponto, o eu lírico explora a semântica do sufixo *ei* (em Hille-Hillerei), que imprime ao vocábulo conotação negativa e amplia as ações nocivas de Hiller. Os termos “a grande era” e “hillerismo” desencadeiam o temor, completo pelo refrão onomatopáico.

No poema, a parcialidade da justiça militar resulta na absolvição de Hiller. A quinta estrofe é iniciada pelo advérbio “aqui”, que encerra o acúmulo de ações das estrofes anteriores e parece apresentar os crimes de Hiller a um júri. Da mesma forma, o advérbio insere, simbolicamente, o momento do veredito, no qual a postura da justiça militar é fundamental para dar o tom amplamente “trágico” à história. Aqui vale perguntar: Tom “trágico, trágico, trágico”, segundo o eu lírico (décimo-nono verso), a qual história? À História ou à história do julgamento de Hiller?

Podemos presumir que a ambas. O veredito reflete o enraizamento do militarismo na história da Alemanha.¹⁶ E não à toa o poema inicia-se com um acontecimento de 1915, assim como não é à toa que suas referências extratextuais sejam profundamente arraigadas no campo militar.¹⁷ Podemos presumir que a ambas, dada a estrutura sintática do poema. O encerramento do “Caso Hiller” serve para o eu lírico questionar a validade da justiça militar, cujo espírito corporativista predomina no julgamento, determinando-o. A seriedade do julgamento é questionada quando ele é chamado de “um encontro reconfortante”, no vigésimo-segundo verso, arranjado pela “associação militar”, no

¹⁵ A expressão “a grande era”, aliás, é uma maneira sarcástica com a qual Tucholsky se refere à guerra em sua produção crítica e literária. Exemplos são o ensaio “O livro de culpas”, publicado sob o pseudônimo Ignaz Wrobel na revista *Die Weltbühne* em 28 de agosto de 1919, páginas 250-255, e o poema “Guerra à guerra”, publicado sob o pseudônimo Theobald Tiger no suplemento satírico *Ulk*, em 13 de junho de 1919, página 2.

¹⁶ Sobre o imbricamento entre militarismo e nacionalismo e a correspondente formação social baseada em comportamento militar, ver Wehler (1994, 2003, 2013), Elias (1997) e Planert (2004).

¹⁷ O leitor interessado encontra discussões sobre ensaios de Tucholsky a respeito do militarismo em Roszik (2007) e análises de seus poemas satíricos de Kurt Tucholsky sobre o mesmo tema em Roszik (2019).

vigésimo-primeiro verso. No período entre 1871 e 1918, as diferentes associações as associações assumem o papel de “estrutura intermediária de poder” (WEHLER, 1994, p. 91) e exercem forte influência na formação social e econômica.

O eu lírico explora outro fator destacado por Wehler em seu estudo sobre o período imperial (1994, p. 92). Trata-se da participação das associações em importantes decisões,¹⁸ nas quais elas impõem seus planos inconstitucionais corporativistas e antidemocráticos. No microcosmo do julgamento, a “associação militar” pode ser concebida como representante simbólica de associações militares empíricas. Exemplos são a *Deutscher Flottenverein* [Associação Alemã de Frotas], que apoia a construção de navios de guerra sob o comando do almirante Tirpitz entre 1914 e 1918, e a *Deutscher Wehrverein* [Associação Alemã de Defesa], que possibilita aos seus milhares de membros a intervenção direta em decisões sobre armamento, entre 1912 e 1935 (WEHLER, 1994, p. 93).

Empregando a condensação, o eu lírico reúne toda a norma das associações militares no vigésimo-primeiro e vigésimo-segundo versos, ao expor a absolvição de um de seus membros: “E a associação militar arranja / um encontro reconfortante!” O veredito é proferido após uma reunião que “transcorreu bem alegremente” (vigésimo-quarto verso). Toda a cumplicidade transforma o julgamento em uma solenidade *pro forma*, dado que nada mais se busca além do esforço para se encobrirem os crimes cometidos por Hiller — afinal de contas, “uma mão lava a outra etc.”, como se nota no vigésimo-quinto verso, em que há a paráfrase do provérbio “Eine Krähe hackt der anderen kein Auge aus” [uma gralha não bica a outra nos olhos],¹⁹ modificado para seguir a ordem rítmica da composição e associar a inocuidade do julgamento ao conhecimento geral do público, visto que o provérbio é usado para expressar situações nas

¹⁸ Outro exemplo relevante encontra-se no poema satírico *Ah, como somos malquistos!*, publicado por Tucholsky sob o pseudônimo Kaspar Hauser em 19 de junho de 1919 na revista *Die Weltbühne*. Um eu lírico sóbrio encontra-se em uma estalagem onde todos os demais estão ebrios. No sexto verso, um “senhor assessor” pede “Calais”. A disparidade semântica do distílico é ampliada, dado que Calais não é uma bebida. A disparidade ocorre porque Calais é uma cidade situada no norte da França, onde se localiza o principal porto do exército inglês durante a guerra. Sua menção a um acontecimento ocorrido em maio de 1915, quando grandes associações industriais e agrárias reúnem-se para publicar uma circular. Elas são formadas por empresários e latifundiários bastante conservadores, cujo “potencial representado para política interna concentrava-se por trás de um programa gigantesco de anexação” (WEHLER, 2003, p. 31). O programa prevê uma expansão alemã por toda a Europa, desde a França e Bélgica até a Rússia. A cidade portuária de Calais é citada expressamente no documento como local a ser anexado ao *Reich*.

¹⁹ O provérbio alude à defesa do ninho pelas gralhas. Quando ameaçadas por outras espécies, as gralhas as bicam nos olhos, mas atacam outras gralhas na cabeça, e não nos olhos.

quais membros de um determinado grupo protegem-se mutuamente após cometerem delitos.

A paráfrase do provérbio tem efeito irônico no vigésimo-sexto verso, referente à condenação de Hiller por dois outros crimes praticados, conforme destaca a quarta reportagem na qual nos baseamos: *Sob novo regimento. O processo Hiller*,²⁰ do jornal *Schlesische Arbeiter-Zeitung*, ligado ao USPD.²¹ Segundo o jornal, o oficial é inocentado das acusações sobre a morte de Helmhake e considerado culpado pelos crimes contra o suboficial Selle e o mosqueteiro Richard Müller, para os quais recebe pena de sete semanas de prisão, como noticiara igualmente o *Berliner Tageblatt und Handelszeitung*.

O veredicto é considerado ironicamente “honroso” pelo *Schlesische Arbeiter-Zeitung* e pelo eu lírico. Um recurso que confere ironia ao vigésimo-sexto verso é o jogo de palavras presente no verbo *seuf(z)t*, mas que se perde na tradução. Em alemão, ocorre a união dos verbos *seufzen* [suspirar] e *saufen* [embriagar-se], verbo que sofre mudança fônica na conjugação, quando o encontro vocálico *säuft* [zɔɪft] é pronunciado do mesmo modo como o verbo *seufzt* [zɔɪftst]. Desse modo, recluso em um local em que goza de liberdade para consumir álcool sem restrições e suspirar a cada gole ingerido, a prisão de Hiller é apresentada ao leitor não como uma punição, mas como um coroamento por suas atitudes opressoras e violentas. Visto que Hiller é uma metonímia do militarismo, a crítica satírica estende-se a todos os militares e, por extensão, a tortura de Hiller perpetrada aos soldados Helmhake, Thomas, Müller, Selle e Rocker simboliza, por meio do processo de deformação, o comportamento hierárquico militar baseado em códigos guerreiros.

A sétima e última estrofe é iniciada de forma conclusiva e introduz, no vigésimo-oitavo verso, a figura da justiça, que “deve ser cega”. Entretanto, a Justiça no Caso Hiller nada tem de imparcial. Todo o processo jurídico é considerado um logro, assim como o são as roupas novas do imperador. Tal qual a criança do conto de fadas de Hans Christian Andersen, à qual se alude no vigésimo-sétimo verso (“E a roupa do imperador brilha novamente”) e de quem a verdade não escapa, o eu lírico revela todo o imbróglio do processo, buscando sempre que seu receptor compartilhe de sua contra-norma. Essa consiste na crítica à justiça parcial e corrupta, que declara seus veredictos sem se amparar na própria lei. Observamos como a última estrofe é uma representação verbal da referida caricatura da Justiça à *Ulk*: corrupta, devassa e sem

²⁰ Unterm neuen Regiment. Prozess Hiller. *Schlesische Arbeiter-Zeitung*, Breslau, v. 2, n. 1, p. 4, col. 1, 1 jan. 1920.

²¹ Partido Social-Democrata Independente Alemão.

direção, tal qual os “proletas no puteiro”, no trigésimo-verso. O último verso retoma o caráter conclusivo sugerido no vigésimo-oitavo verso, e sua constituição irônica expressa o desejo pelo fim da justiça militar.

CONCLUSÃO

O poema “Canção de alaúde”, publicado em 8 de janeiro de 1920 na revista berlimense *Die Weltbühne*, critica e ataca a pena branda recebida pelo oficial Hans Hiller, acusado de maus tratos e da morte de soldados durante uma campanha militar na frente oriental, durante a Primeira Guerra Mundial. O brando veredicto pronunciado ao fim do julgamento, ambos amplamente difundidos pela imprensa alemã no período, reflete-se fortemente nos versos do poema de Tucholsky, como buscamos demonstrar. Tucholsky explora essa inter-relação ao produzir um poema baseado na permanente busca da sátira por um efeito “exterminador” de seu objeto (HANTSCH, 1975, p. 27) — no caso, os militares, representados pelo oficial Hans Hiller. Tal efeito é obtido por meio da “intenção destrutiva” (HANTSCH, 1975, p. 28) que, presente na construção ficcional do objeto, almeja sua destruição real. Tucholsky busca imprimir um caráter revolucionário ao poema por meio de um ataque ao presente que visa a um futuro melhor, na forma discutida por Bosi (2000), o qual se manifesta de maneira irônica em todos os versos. Assim, o satirista enreda-se nos labirintos de sua crítica e nos meandros da referencialidade, tentando convencer o leitor de sua contra-norma e, por extensão, a eliminar a justiça militar, sugerindo — ironicamente — o oposto, como no último verso.

REFERÊNCIAS

- ARNTZEN, Helmut. *Gegen-Zeitung. Deutsche Satire des 20. Jahrhunderts*. Heidelberg: Wolfgang Rothe, 1964.
- BERLINER TAGEBLATT UND HANDELSZEITUNG. Edição noturna. Berlim, v. 48, n. 622, 29 dez. 1919.
- BERLINER TAGEBLATT UND HANDELSZEITUNG. Edição matutina. Berlim, v. 48, n. 623, edição A, n. 339, 30 dez. 1919 (1919a).
- BERLINER TAGEBLATT UND HANDELSZEITUNG. Edição noturna. Berlim, v. 49, n. 3, Edição B, n. 1, página 1, col. 1, 2 jan. 1920.
- BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das *Miscelânea*, Assis, v. 36, p. 227-51, jul.-dez. 2024. ISSN 1984-2899

Letras, 2000.

DERENTHAL, Ludger. Dada, die Toten und die Überlebenden des Ersten Weltkriegs. *zeitenblicke* 3. n.

1. 2004. Disponível em: <http://zeitenblicke.historicum.net/2004/01/derenthal/index.html>. Acesso em: 22 out. 2024.

DIE WELTBÜHNE. Berlim, v. 16, n. 2, 8 jan. 1920.

ELIAS, Norbert. *Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

FRYE, Northrop. O *mythos* do inverno: ironia e sátira. In: *Anatomia da crítica*. Tradução de Marcus de Martini. São Paulo: Realizações, 2014. p. 368-87.

FRYE, Northrop. The nature of satire. In: WARKENTIN, Germaine (org.) *Educated imagination and other writings on critical theory, 1933-1963*. Toronto [Ontario]; Buffalo [New York]; Ottawa, Ontario: University of Toronto Press; Canadian Electronic Library, 2015. p. 39-57.

GERTH, Klaus. Satire. *Praxis Deutsch*, Hannover, n. 22, p. 83-86, 1977.

GRIFFIN, Dustin. *Satire: a critical reintroduction*. Lexington: The University Press of Kentucky: 1994.

HANTSCH, Ingrid. *Semiotik des Erzählens: Studien zum satirischen Roman des 20. Jahrhunderts*. Munique: Wilhelm Fink, 1975.

HAUSER, Kaspar [Kurt Tucholsky]. Imprensa Prussiana [Preußische Presse]. *Die Weltbühne*, Berlim, v. 15, n. 23, p. 647-648, 29 mai. 1919.

HAUSER, Kaspar [Kurt Tucholsky]. Ah, como somos malquistas [Ach, sind wir unbeliebt!]. *Die Weltbühne*, Berlim, v. 15, n. 26, p. 719, 19 jun. 1919.

HEMPFER, Klaus W. *Gattungstheorie: Information und Synthese*. Munique: Wilhelm Fink, 1973.

HOBSBAWN, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1870: programa, mito e realidade*. 6. ed. Tradução Maria Celia Paoli e Anna Maria Quirino. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

HODGART, Matthew. *Die Satire*. Munique: Kindler, 1969.

HUTCHEON, Linda. *Teoria e política da ironia*. Tradução Julio Jehra. Belo Horizonte, Assis, v. 36, p. 227-51, jul.-dez. 2024. ISSN 1984-2899

Horizonte: Editora da UFMG, 2000.

KNIGHT, Charles A. Satire, Speech and Genre. *Comparative Literature*. v. 44, n. 1, p. 22-41, 1992.

KNIGHT, Charles A. *The literature of satire*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

MEYER-SICKENDIEK, Burkhard. Theorien des Satirischen. In: ZYMMER, Rüdiger. (Org.). *Handbuch Gattungstheorie*. Stuttgart: Metzler, 2010. p. 331-34.

MCKENZIE, Donald Francis. *Bibliografia e a sociologia dos textos*. Tradução de Fernanda Veríssimo. São Paulo: EDUSP, 2018.

PLANERT, Ute. Nation und Nationalismus in der deutschen Geschichte. In: BUNDESZENTRALE FÜR POLITISCHE BILDUNG (org.). *Aus Politik und Zeitgeschichte*. Bonn: BPB, 2004. p. 11-18.

PREISENDANZ, Wolfgang. Zur Korrelation zwischen Satirischem und Komischem. In: PREISENDANZ, Wolfgang; WARNING, Rainer. (Org.) *Das Komische*. Munique: Wilhelm Fink, 1976a. p. 411-413.

PREISENDANZ, Wolfgang. Negativität und Positivität im Satirischen. In: *Das Komische*. Munique: Wilhelm Fink, 1976b. p. 413-416.

ROSZIK, Anderson Augusto. *A crítica política e literária de Kurt Tucholsky e o início da República de Weimar (1919-1924)*. 2007. 250 páginas. Dissertação (Mestrado em Literatura e Vida Social). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Assis, 2007.

ROSZIK, Anderson Augusto. "Und heute?" [E hoje?]: A poesia satírica de Kurt Tucholsky na revista *Die Weltbühne* (1919- 1920). 2019. 330 páginas. Tese (Doutorado em Língua e Literatura Alemã) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

SCHLESICHE ARBEITER-ZEITUNG. Breslau, v. 2, n. 1, 1. jan. 1920.

SIMÕES JUNIOR, Alvaro Santos. *A sátira do parnaso: estudo da poesia satírica de Olavo Bilac publicada em periódicos de 1894 a 1904*. São Paulo: Ed. Unesp, 2007.

SCHÖNERT, Jörg. Theorie der (literarischen) Satire: ein funktionales Modell zur Beschreibung von Textstruktur und kommunikativer Wirkung. *Textpraxis* 2. 2011. Disponível em: <http://www.uni->

muenster.de/textpraxis/joerg-schoenert-theorie-der-literarischen-satire.
Acesso em: 14 nov. 2024.

TIGER, Theobald. Guerra à guerra [Krieg dem Krieg]. *Ulk*: Wochenbeilage zum Berliner Tageblatt und Handelszeitung, Berlim, v. 48, n. 24, p. 2, 13 jun. 1919.

TUCHOLSKY, Kurt. Lautenlied [Canção de alaúde]. *Die Weltbühne*, Berlim, v. 16, n. 2, p. 42, 8 jan. 1920.

ULK. Wochenbeilage zum Berliner Tageblatt und Handelszeitung, Berlim, v. 49, n. 2, p. 5, 9 jan. 1920.

UNTERM neuen Regiment. Prozess Hiller. *Schlesische Arbeiter-Zeitung*, Breslau, v. 2, n. 1, p. 4, col. 1, 1 jan. 1920

WEHLER, Hans-Ulrich. *Das deutsche Kaiserreich: 1871-1918*. 7. ed. Göttingen: Vanderhoeck und Ruprecht, 1994.

WEHLER, Hans-Ulrich. Das Kaiserreich im Ersten Weltkrieg. In: *Deutsche Gesellschaftsgeschichte*. V. 4. Vom Beginn des Ersten Weltkriegs bis zur Gründung der beiden deutschen Staaten 1914-1949. Munique: Beck, 2003. p. 3- 251.

WEHLER, Hans-Ulrich. *Nationalismus: Geschichte — Formen — Folgen*. Munique: C.H. Beck, 2013.

WROBEL, Ignaz [Kurt Tucholsky]. O pequeno Geßler e o grande Grosz [Der kleine Gessler und der grosse Grosz]. *Freiheit*, Morgen-Ausgabe, Berlin, v. 3, n. 452, p. 5, col. 1 e 2, 24 out. 1920.

WROBEL, Ignaz [Kurt Tucholsky]. Militaria: provisões [Militaria. II Verpflegung]. *Die Welkbühne*, Berlin, v. 15, n. 4, p. 87-9, 23 jan. 1919.

WROBEL, Ignaz [Kurt Tucholsky]. O livro de culpas [Schuldbuch]. *Die Welkbühne*, Berlin, v. 15, n. 36, p. 250-5, 28 ag. 1919.

Recebido em 16 de outubro de 2024
Aprovado em 13 de agosto de 2025